



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Não obstante, o que nos importa sobretudo no espaço desse artigo são os *meios* que disponibilizavam o trânsito desses discursos e seu espraiamento, lembrando que um Voltaire sem papel escrito, sem teatro ou sem salões, não teria, senão no reino da metafísica, se tornado Voltaire.

O Iluminismo foi alimentado por uma cultura de interação que tornou o intercâmbio entre os indivíduos constante, a ponto de, muito pertinentemente, Lawrence Klein chamá-lo de “Iluminismo como conversação” (KLEIN, 2001, p. 148). Tanto quanto os espaços, importantes para a circulação desses indivíduos, era o material impresso que, nesse caso, fazia parte de uma nova forma de olhar para o mundo. Como lembra Carla Hesse, “printing and publishing were thus not only the most important cultural mechanisms for the spread of Enlightenment ideas; printing and publishing were the embodiment of the Enlightenment in action; the medium was the message - spreading light” (HESSE, 2004, p. 368). Observando a materialidade que encarna os discursos iluministas pretendemos lançar questões sobre a vivência urbana, suas possibilidades e limitações dentro das práticas das Luzes. Isto diz respeito a revitalizar o substrato que a cidade ofereceu para a grande opulência e desenvolvimento de material escrito, subsidiando um surto de publicações profissionais e opiniões profissionalizadas, que Habermas situa no limiar da formação de uma opinião pública. Quem dá conta dessa nova tarefa urbana que consistia em racionalizar o tempo e o espaço urbanos são os literatos que documentam a crescente mercantilização do ofício do escritor, a perda dos altos valores culturais clássicos em detrimento de uma escrita rápida e acessível ao maior número, o que é, indiscutivelmente, característica do jornalismo enquanto uma prática organizadora dessa nova forma de urbanidade.

Alexander Pope e Jonathan Swift, por exemplo, mencionam as transformações literárias por que passa Londres junto com seus espaços. Os grandes literatos ingleses são confrontados diariamente com um universo mental insalubre para a atividade intelectual. Seus grandes esforços teriam sido vilipendiados em prol da mediocridade literária da atividade jornalística. Uma multidão de escritores ressentidos e pobres, excluídos do sistema de premiação literária, se concentrava na *Grub-Street*, rua tornada topônimo para toda uma forma de vida literária na cidade (ROGERS, 1972, p. 13).



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

O Iluminismo, que aqui pretendemos apresentar em sua vinculação com os espaços londrinos, em sua dependência do trânsito, circulação e apresentação contínua da novidade e da diferença, caracteriza uma transformação contínua na organização da cidade (GOODMAN, 2001, p. 130). Habermas notou essa importância ao sugerir o papel dos cafés e salões para a formação de um círculo de retroalimentação entre escritos e conversações: as conversas alimentavam a pauta periódica dos jornalistas, tanto quanto os jornais reforçavam determinados círculos de conversação (2003, p. 59). James van Horn Melton continua o estudo habermasiano desses espaços sugeridos como primeiramente salões e cafés (2003) e amplia a gama de espaços, oferecendo um panorama mais completo de seu papel de abrigar uma cultura da interação ou da conversação. Nosso interesse, no âmbito deste artigo, é perceber como essas transformações de espaço abrigaram uma nova forma de cultura escrita, ligada à regularidade e linearidade, a que se chama, hoje, jornalismo, intimamente dependente do esforço interativo.

1. A imprensa na organização de Londres

Entender todo o fenômeno que transformou a vida social europeia – e não só da Europa – a partir apenas do círculo de intelectuais ligados à *Encyclopédie* diminui a inteligibilidade da grande variedade de práticas e representações envolvidas na cultura das Luzes. Alguns esforços de desconstrução do pensamento do século XVIII comprovam os ganhos de não se investir apenas nos grandes escritos consagrados pelo público. Para tanto é possível mencionar como Robert Darnton, por exemplo, descobriu nas canções populares um rico material de estudos para se entender as transformações da vida e informação na cidade iluminista (DARNTON, 2005). Ou, de outra forma, Pierre Rosanvallon, ainda que tenha concentrado suas buscas históricas nos escritos considerados fundamentais para a inteligibilidade do Iluminismo, considerou-os não como arcabouços fechados de ideias consolidadas por práticas fechadas de negociação literária, mas sim como o substrato vivo da fermentação de mudanças de toda uma época. Como ele fez, por exemplo, ao tratar o liberalismo como uma cultura e modo de vida, um sistema operativo imbricado à vivência cotidiana dos indivíduos, antes do que um conjunto de ideias enunciadas por *philosophes* cercados por pilhas de livros (ROSANVALLON, 2002). São apenas exemplos de um olhar mais amplo que torna o fenômeno iluminismo tanto mais difícil de capturar quanto



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

surpreendente de estudar. Isso implica considerar seriamente, em primeiro lugar, a limitação da asserção de Ernest Cassirer que, na esteira de Peter Gay, afirma que “Enlightenment, which is still usually treated as an eclectic mixture of the most diverse thought elements, is in fact dominated by a few great fundamental ideas expressed with strict consistency in exact arrangement” (CASSIRER, apud. WRIGHT, 2001, p. 88). A importante obra de Ernest Cassirer parte assim do ponto de vista de que a experiência letrada concentrada em torno da produção dos *philosophes* poderia caracterizar de forma ampla a experiência social iluminista. Como lembra Roy Porter, a tendência em limitar a caracterização do Iluminismo a grupos de indivíduos pensantes acabou impedindo a depuração de outras experiências vinculadas ao mesmo movimento. Segundo o autor, essa visão estereotipada do iluminismo teria limitado a concepção histórica e filosófica do movimento a uma dispersão uniforme do pensamento transgressivo francês:

Enlightenment itself is still a black hole in English historiography. Because, despite the recent advances in historiography which I have been discussing, the Enlightenment in England has continued to suffer almost total neglect. This is partly because general Enlightenment historians such as Peter Gay insist on the essential unity of the Enlightenment, which is then defined largely in terms of the French experience in the age of Voltaire. The Enlightenment is thus seen as a systematic, comprehensive, radical - even - revolutionary critique of the roots of the *ancien régime*, spearheaded by a militant secularism whose motto was *écraser l'infâme*. Clearly, eighteenth century England did not wage battles such as these. But English elites - the equivalents of the *philosophes* - did not need to. They lived in a state which, as the French *philosophes* applauded, already embodied the Enlightenment in its constitutionality, representative government, freedom of person, religion, property and speech (PORTER, 1994, p. 253).

A peculiaridade do *Early Enlightenment* na Inglaterra, resultado direto da Revolução Gloriosa e suas conseqüências políticas mais próximas, tornou os projetos de liberdade típicos que se tornariam reivindicação dos *philosophes* franceses um símbolo da própria constitucionalidade britânica. Essa constitucionalidade garantia a liberdade individual e, portanto, a liberdade de reunião e trânsito de ideias, o que tornou várias das reivindicações francesas inúteis na Grã-Bretanha e tornou possível a realização precoce de uma esfera pública burguesa britânica. Retomar a noção habermasiana dessa esfera é importante para caracterizar as noções aqui em jogo. A expressão tem sido repetida continuamente e cada vez mais se perde em anacronismo (Cf. HABERMAS, 2003, p. 42).



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

A organização da esfera pública na Inglaterra caracterizou desde cedo o amadurecimento de uma produção periódica regular, destinada às pessoas privadas. Isto é, como explicitaremos adiante, destinados explicitamente à esfera doméstica em detrimento daquela organizada, em última instância, em torno da corte (MELTON, 2001, p. 7). Essa garantia constitucional tornou um imperativo da vida política a sua inserção criativa no debate impresso, ainda que, durante um bom tempo, os jornais se desentrosaram de uma entrada decidida no espaço público.

Alexander Pope dá testemunhos importantes sobre a energia do material escrito periódico em Londres. Em 1729, ele descreve o surgimento de uma imprensa regular como forma de deterioração da cultura escrita. O fato de ele verbalizar precocemente essa denúncia comprova a importância do jornalismo na organização da vida diária em Londres:

Pope, no doubt because he lived at the beginning of a new era of popular publishing and weekly journalism, took a firm stand against the upstairs whom he saw invading the enclosed territory of literature. In the *Dunciad* of 1729 it is partly the *type* that he is attacking: the pedantic scholar like Hearne or Theobald; the weekly journalist like Roome and Concanen; the party hack like Oldmixon; the popular writer like Mrs Centlivre, Mrs Haywood, Ned Ward, or the author of *Robinson Crusoe*; the shameless publisher like Edmund Curll (WATT, apud. ROGERS, p. 188).

Grub Street, mais do que uma rua, tornou-se um topônimo para a crescente ou deteriorada atividade literária da cidade de Londres. Considerar os escritos que pululavam na *Grub Street* implica ampliar o entendimento da esfera pública literária sugerida por Habermas, na medida em que abarcava escritores incapazes de se inserir no debate impresso racionalizado sobre formas possíveis de governo, quer dizer, simplesmente disseminando intrigas contra o rei e seus ministros. De início, com Addison e Steele, o jornal procura demarcar sua independência da esfera política, sugerindo um ambiente doméstico independente. A formação da imprensa britânica no início do século XVIII é marcada justamente pela tentativa de isenção dos jornais dos debates políticos, ao contrário do que acontecerá na metade do século, com o surgimento dos jornais diários. A famosa empreitada de Addison e Steele insinua um ambiente doméstico independente de qualquer interferência política (PALLARES-BURKE, 1995). Também os “semanários morais” contestavam, segundo Melton, o predomínio cultural da corte sobre os círculos de conversação:



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Demonstratively abstaining from politics, the moral weekly implicitly distinguished the social from the political, the private from the public, and thereby pointed toward modern notions of civil society as a sphere autonomous from the state. In the context of the eighteenth century, the moral weekly's validation of sociability as an autonomous and non-political arena implicitly contested the cultural dominion of the court. It is no accident that in England, the moral weekly's popularity came at a time when the cultural influence of the royal court was rapidly dwindling (MELTON, 2001, p. 97).

O envolvimento da imprensa com a vida política se tornará mais comum a partir de 1750 (HABERMAS, 2003, pp. 78-9). O lançamento do *Morning Post* em 1772 exemplifica de forma clara como os jornalistas e editores jogavam com políticos e a importância de os ministros terem gazetas favoráveis às suas ações. Ao mesmo tempo, esse jornal pode ser considerado pontapé inicial para o desenvolvimento do jornalismo enquanto uma prática profissional enraizada na urbanidade, isto é, como uma forma de escrita regular concernente à organização do espaço público – quando, antes, Addison e Steele trataram de organizar o ambiente doméstico e distingui-lo do público. Pope observa de forma negativa o surgimento de uma esfera de jornalistas que passa a controlar a atividade escrita. Para ele, subsistem basicamente duas formas de escritores:

There are two overlaid senses of ‘professional’ here. In the first place, we have the regular, paid hack who depends wholly on fugitive writing for his livelihood. Pope scorns such a man because his stake in literature is inalienably commercial. If the hack does not deliver the goods, he will not eat; consequently, he is bound to accept any commission, however unworthy, and cannot conduct that free-ranging search of topics, themes and styles which Renaissance theory demanded as a prelude to worthwhile imaginative writing. His subject-matter and his manner of treatment are generally preordained. Secondly, there is the other kind of professional. The category described by Watt includes a number of persons with vested interests in the escalation of vapid bookmaking. The standard example of this type today would surely be the academic. In Pope's time, as Watt indicates, the world of literature was threatened by a new breed of non-literary men. Pope had himself remarked on the willingness of commentators on Homer to discuss anything rather than the poetry as such. In men such as Bentley or Dr. Freind, he saw a similar commitment to the world of letters without any vital engagement in the human and moral qualities which books existed to proclaim. The new ‘professionals’, second sense, are therefore men with a positive vocation – unlike the opportunistic hack. On the other hand, their cultural interests are as it were contingent. They do not necessarily possess, and Pope contends they generally *will* not possess, the deep personal attachment to



30º ENCONTRO
REGIONAL NORTE
DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

good writing which the true poet or true critic must nurture (1972, p. 189).

Aos jornais diários que passam a pulular em Londres é possível acrescentar as grandes revistas doutrinárias do começo do século 19, *Edinburgh Review* e *Quarterly Review*, que ajudaram a dar contornos mais vivos e modernos para os partidos Thory e Whig (COOPER-RICHET, 2006, p. 413). A produção periódica voltada para temáticas políticas acompanha a formação de partidos com ideologias razoavelmente bem definidas e cumpre um importante papel no delineamento do Estado Nacional Inglês. Para exemplificar a importância da imprensa nesse processo, vale lembrar que foi a articulação precoce dos setores monárquicos com alas mais progressistas da sociedade que garantiu a permanência do rei enquanto uma figura com papel simbólico importante na Inglaterra (HABERMAS, 2003, pp. 46-7). O fato de o rei ser um símbolo nacional garantidor da unidade dos povos fez com que se tornasse um alvo privilegiado dos cartunistas e caricaturistas que abundavam nos jornais. Contudo, tanto quanto era capaz de criar uma imagem vigorosa do monarca, a imprensa era capaz de desmontá-lo. Cannadine exemplifica, por exemplo, os lamentáveis episódios envolvendo o rei George III, que foi um alvo constante dos ataques de cartunistas:

(...) embora as grandes cerimônias reais fossem completamente cobertas tanto pelos jornais interioranos quanto pelos da metrópole, a imprensa como um todo continuava hostil à monarquia. Nas primeiras décadas do século XIX, as críticas feitas na imprensa londrina por Gillray, Rowlandson e os Cruikshanks transformaram a monarquia ‘sem dúvida no tema e no alvo mais comum dos caricaturistas’ (CANNADINE, 1997, pp. 120-1).

Cumprir ressaltar, uma vez tendo criado relativa noção do papel da imprensa na configuração de um espaço público na Inglaterra, a forma como o próprio discurso da imprensa se desenrolava em determinados espaços de circulação, como é o caso das tavernas da *Grub-Street* e da *Cornhill*, ou dos salões e cafés mencionados por Habermas como princípio da esfera pública burguesa (2003, p. 45). A existência desses espaços é fundamental para o surgimento de uma consciência pública ligada à discussão dos problemas nacionais. Os espaços estão entranhados na cidade tanto quanto está o jornalismo como literatura regular primeiramente derivada, segundo Habermas, dos



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

correios ordinários (2003, p. 29). Os critérios dessa nova forma de literatura estavam, portanto, intimamente vinculados à troca epistolar permanente de informações. A transformação da notícia em mercadoria vai ligá-la aos critérios de novidade da economia capitalista. A velocidade dos escritos se acelera (MELTON, 2001, pp. 93-4), gerando, no caso inglês, substrato material para aquela crítica típica de Pope e Swift ao conteúdo dispersivo dos jornais.

2. Espaços de aglutinação de ideias e composição de identidades

Os espaços de socialização se multiplicavam em Londres na medida mesmo em que aumentava a necessidade de transitar informações e se adensavam as relações comerciais entre os indivíduos. Os mesmos papéis escritos que, na linguagem de Habermas, caracterizavam a troca epistolar privada e forneceram, aos poucos, fundamentos para um trânsito regular de informações da esfera pública, circulavam por estes novos ambientes e forneciam temas e argumentos para uma classe ascendente de comerciantes (HABERMAS, 2003, p. 213). Os estrangeiros que, no século XVIII, buscaram a Londres das Luzes eram tocados pelo clima cosmopolita da cidade, explícito numa infinidade de albergues limpos, hotéis e ruas iluminadas que abrigavam uma promissora vida noturna. 16000 lamparinas iluminavam as ruas e permitiam a extensão das sociabilidades para além de negociações pontuais realizadas à luz do dia. A vida noturna, com suas tavernas e teatros, tornava-se assim um ingrediente à parte na sociabilidade de Londres. Todo o processo de reconstrução por que passa a cidade é dessa forma observado pelo visitante austríaco Johann Archenholz em meados do século 18:

The contrast betwixt that and the western parts of the metropolis is astonishing; the houses there are almost new, and of an excellent construction; the squares are magnificent, the streets are built in straight lines, and perfectly well lighted: no city in Europe is better paved. If London were equally well built, no place in the whole world would be comparable to it (ARCHENHOLZ, apud PORTER, 1990, p. 39).

A estrutura da cidade é modificada na medida em que as relações sociais adquirem um estágio mais complexificado, tanto quanto surgem ideias relativas à instrumentalização do espaço urbano de forma a economizar espaços e deslocar as sociabilidades, antes guardadas nos salões das grandiosas casas dos aristocratas, para espaços públicos



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

destinados exclusivamente para isso. O discurso iluminista se entrecruza assim com uma práxis específica de transformação do mundo. A cidade adquire a coloração dessas novas ideias e, na medida em que se tingem delas, ajuda a fazer transitar os discursos iluministas. No que diz respeito a, especificamente Londres, o papel dos salões é relativamente limitado em detrimento da procura maciça pelas *coffeeshouses* (MELTON, 2001, p. 211). Isso quer dizer que estrangeiros chegados na cidade poderiam encontrar facilmente formas de socialização independentes dos círculos de conversação provincianos da corte (ELIAS, 2001, p. 66), quais sejam, aqueles vinculados a hierarquias formais dentro das quais o indivíduo era avaliado mais pelas suas etiquetas ou vínculos hereditários. Assim, a vida moderna é a vida de uma cidade que se abre abandonando, em grande parte, a avaliação dos indivíduos pelas etiquetas apresentadas em espaços hierarquicamente organizados. A vida moderna é a vida em constante trânsito, o que, do ponto de vista especificamente urbano, quer dizer privilegiar o cosmopolitismo no qual está implícita a possibilidade constante de receber o radicalmente novo, ainda que isso seja motivado, num primeiro momento, pelas necessidades comerciais.

Algumas representações da vida cosmopolita de Londres estão presentes nos relatos de portugueses que, em especial a partir de 1807, migraram para a Inglaterra para fugir das perseguições napoleônicas e lá tentaram reorganizar os seus negócios. Em torno do *club* por eles montado na taverna *City of London* eles estabeleceram sua defesa contra a espoliação aristocrática clamando por reformas no sistema monárquico de Portugal. Os retratos que os portugueses fizeram da cidade iluminada podem lembrar o de Hipólito da Costa, ao elogiar as cercanias do Hyde-Park, localizada próxima ao *New Inn*, onde ele residia (CB, Vol. VI, p. 579). Da mesma forma, em uma longa série de comentários dirigidos ao interlocutor *Orestes*, Rocha Loureiro em 1811 traça um panorama similar da cidade: idílio urbano governado pelo rei constitucional (*O Portuguez*, Vol. I, p. 196). Os dois jornalistas portugueses deixam caros relatos sobre a organização das comunidades emigradas em Londres e tornam explícita essa abertura da cidade para a diferença. Não é difícil encontrar espaços onde se pode ir e conversar em outras línguas.

O historiador James van Horn Melton percorre os espaços que fomentaram o trânsito de diálogos iluministas, constatando, como fez Loureiro, a inocuidade dos salões na sociedade de Londres e o grande fluxo nas *coffeeshouses* e tavernas. Se eles foram uma



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

referência na organização das sociabilidades do iluminismo francês, na Inglaterra, talvez pelo menosprezo destinado à mulher pela sociedade inglesa, as mulheres tiveram menor possibilidade de se misturar aos homens nos espaços de socialização. Uma mulher numa taverna era considerada então prostituta. Melton define como mais importantes para o trânsito de diálogos femininos os spas, através dos quais muitas mulheres chegaram a se tornar praticantes regulares de literatura (2001, p. 212).

No que diz respeito à sociedade londrina como um todo, adquiriram maior importância as tavernas e *coffeehouses*. As primeiras abrigavam lojas maçônicas e *clubs* de negociantes. Se as tavernas, ainda no século 18, possuíam um apelo mais popular e mesmo plebeu, as várias leis contra bebedeira pública e a fiscalização policial tornaram-nas um lugar mais propício para o diálogo calmo e, porque não dizer, iluminista. As tavernas se tornaram assim lugares propícios para o trânsito de tendências e identidades, i.e, onde se haveria de, forçosamente, confrontar com a diferença.

English taverns were a place where disparate publics intersected and sometimes interacted. Originating as a predominantly plebeian sphere of sociability, taverns were a central part of the emerging party system, the expanding realm of popular politics, and the burgeoning associational life of Hanoverian England. As a meeting ground for political elites and local constituencies, as well as an organizational matrix for clubs, societies, and extraparliamentary politics, taverns attracted a relatively broad spectrum of English society (MELTON, 2001, p. 235).

Várias associações de espanhóis e portugueses que se estabeleceram em Londres a partir de 1807 buscaram na taverna espaços regulares de *meetings*, no caso português a taverna *City of London*, ou no espanhol a *Crown and Anchor* (MUNARO, 2013). As tavernas poderiam se tornar um espaço de subjetivação incorporado à identidade dos frequentadores – tanto quanto a *Grub-Street* era lembrada pela subliteratura, por exemplo. Mitigando a presença excessiva do álcool nas tavernas, houve preponderância do café, que, argumenta Melton, aparece como a legítima bebida do iluminismo. Graças às produções coloniais de França e Inglaterra, estes países não possuíam problemas em oferecer café em abundância. Segundo o mesmo autor, há uma íntima relação entre esses espaços de animação intelectual e as bebidas neles consumidas, como se pode depreender do verdadeiro protagonismo das *coffeehouses* no Iluminismo inglês.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

As *coffeehouses* tornaram-se assim ambientes de nítida motivação intelectual. Os proprietários dispunham não apenas vastas mesas para o acomodamento de vários visitantes ao mesmo tempo, como também livros e periódicos contendo novidades. Quer dizer, um café era um local no qual qualquer um podia ir para adquirir as notícias mais quentes. James Melton ajuda a esclarecer essa conexão:

By 1729 the connection between coffeehouses and journalism had become so self-evident that London coffeehouse owners petitioned Parliament for a monopoly on the publication of newspapers. Parliament rejected their plan to replace existing newspapers with a ‘Coffee-house Gazette’, but the incident does illustrate how closely the worlds of journalism and the coffeehouse were intertwined (MELTON, 2001, p. 245).

A relação entre a leitura de jornais e as *coffeehouses* era assim bastante estreita e vai além, como já notou Habermas, da mera disponibilidade de jornais nos *coffeehouses*, já que os jornalistas se alimentavam ativamente dos diálogos nutridos nestes espaços. Por outro lado, a conversação ativava as pautas jornalísticas na memória do leitor, hierarquizando os temas a partir do substrato que forneciam para a interação. Este promissor ambiente intelectual é responsável pela frutificação do jornalismo em sua forma moderna, ocasião em que assume, para usar a fórmula de Habermas, o papel de “esfera pública literária” (2003, p. 141).

Outro espaço urbano cuja menção é merecida é a loja maçônica, que poderia ou não ser situada numa taverna. Este espaço, além de fornecer novidades pela freqüente circulação de indivíduos, ajudava o visitante a se integrar na vida urbana local. Várias lojas de portugueses e espanhóis foram criadas na Inglaterra e serviram de espaço de resistência durante as invasões napoleônicas (MUNARO, 2013). No século 18 as lojas maçônicas já forneciam aos indivíduos um espaço acolhedor baseado numa hierarquia distinta daquela vivida pelos indivíduos no *mundo profano*.

The geographical mobility of merchants does much to explain freemasonry’s appeal to this stratum, in Great Britain as well as on the continent. Lodges gave merchants a social and communicative network that provided valuable support during their extensive travels. For the merchant traveling far from home, the familiarity and camaraderie he found in a lodge helped to ease the loneliness and isolation he otherwise felt as a stranger. No matter what town he visited, he could usually expect a warm reception from his fellow masons. Through his masonic contacts



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

he often received food, lodging, or even credit in the event of a mishap (MELTON, 2001, p. 255).

Evidencia-se, assim, uma grande mobilidade social tornada possível através de um número cada vez maior de espaços de acesso público ou, então, espaços que ignoravam as etiquetas cortesãs na hora de aceitar integrantes. As novas discursividades que acalentam a retórica das Luzes produzem efeitos orgânicos e pragmaticamente orientados na estrutura da cidade, que ora passa a tornar possível a circulação de indivíduos com fluidez similar à da palavra escrita nas folhas de papel impressas. Tanto quanto a correspondência epistolar privada transmuta-se em correios direcionados para públicos cada vez mais amplos, os espaços domésticos fechados que alimentavam a funcionalidade da etiqueta aristocrática deixam de ter um papel ativo na sociedade liberal organizada em torno da cidade.

Conclusão

A cidade iluminada materializa as práticas e representações da cultura iluminista. Ela diz respeito a uma abertura constante ao novo em que a identidade transita continuamente à mercê do cosmopolitismo intrínseco das práticas secularizadas. Percebemos como esse olhar inclui as formas de vivência e subjetivação de espaços específicos, que só poderiam existir a partir de uma práxis específica vinculada ao iluminismo, isto é, à busca pela liberdade de manifestação de pensamento. A existência desses locais nos quais se entrecruzava uma diversidade cada vez maior de informações facilitou o desenvolvimento de práticas de escrita regular. Práticas que, por sua vez, alimentavam o próprio trânsito de indivíduos ansiosos por obter as novidades mais quentes. Ao mesmo tempo em que a conversa alimentava os ouvidos atentos do jornalista, este atuava como um intermediário, deixando escritas informações e até mesmo boatos e intrigas de interesse público.

A precocidade do envolvimento do Estado inglês com a esfera pública, na forma inclusive de patrocínio de jornais, gerou uma situação bem menos tensa do que aquela percebida na França. Os lordes, acostumados com a presença desconcertante dos jornais, trataram de aumentar impostos, impor obstáculos e, por fim, patrocinar jornais rivais para divulgar as suas ações e fazer sua defesa pública. A solidez da esfera pública em Londres está ligada assim à solidez de sua esfera pública literária, patente num jornalismo cujas primeiras formas de profissionalização já datam do início do século 18.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Bibliografia

CANNADINE, David. “Contexto, Execução e Significado do Ritual: a Monarquia Britânica e a ‘Invenção da Tradição’, c. 1820 a 1977. IN: HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

COOPER-RICHET, Diana. “As grandes revistas literárias e políticas na formação das elites britânicas durante a primeira metade do século XIX”. IN: DUTRA, Eliana de Freitas e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). **Política, nação e edição**. O lugar dos impressos na construção da vida política. São Paulo: Annablume, 2006.

CRARY, Jonathan. **Techniques of the Observer**. On vision and modernity in the Nineteenth Century. Massachusetts, MIT: 1992.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de Corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GOODMAN, Dena. “Difference: An Enlightenment Concept”. IN: BAKER, Keith Michael. **What’s left of Enlightenment**. A Postmodern Question. Stanford: Stanford University Press, 2001.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria de sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HESSE, Carla. “Print culture in the Enlightenment”. IN: FITZPATRICK, Martin. **The Enlightenment World**. New York: Routledge, 2004.

KLEIN, Lawrence. “Enlightenment as conversation”. IN: BAKER, Keith Michael. **What’s left of Enlightenment**. A postmodern Question. Stanford: Stanford University, 2001.

MELTON, James van Horn. **The Rise of the Public in the Enlightenment Europe**. Cambridge: University Press, 2001.

MUNARO, Luís. **O Jornalismo luso-brasileiro em Londres (1808-1822)**. Tese de Doutorado apresentada à UFF-Niteroi em Dez/2013.

NEAD, Lynda. **Victorian Babylon**. People, Streets and Images in Nineteenth-Century London. Yale University Press, 2000.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **The Spectator**. O teatro das Luzes. São Paulo: Hucitec, 1995.

PARK, Robert Ezra. **The City and Human Ecology**. New York: Free Press, 1952.



**30º ENCONTRO
REGIONAL NORTE
DE HISTÓRIA DA MÍDIA**

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

PORTER, Roy. “Enlightenment London and Urbanity”. IN: HEMMING, T.D. e MEAKIN, D. **The Secular City: Studies in the Enlightenment**. Exeter: Univeristy of Exeter, 1994.

PORTER, Roy. “The Enlightenment”. IN: BORSAY, Peter. **The Eighteenth-Century Town: A Reader in English Urban History, 1688-1820**. London: Longman, 1990.

ROGERS, Pat. **Grub Street**. Studies in a Subculture. London, New Fetter Lane, 1972.

ROSANVALLON, Pierre. **O liberalismo econômico**. História da ideia de mercado. Bauru: EDUSC, 2002.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do Político**. São Paulo: Alameda, 2010.

WRIGHT, Johnson Kent. “‘A Bright Clear Mirror’: Cassirer’s *The Philosophy of the Enlightenment*”. IN: BAKER, Keith Michael. **What’s left of Enlightenment**. A postmodern Question. Stanford: Stanford University, 2001.



**30º ENCONTRO
REGIONAL NORTE
DE HISTÓRIA DA MÍDIA**

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Ora, sim; ora, não! O diploma de Jornalismo em várias fases do processo de profissionalização da atividade jornalística no Brasil

Robson DIAS⁸²

Resumo: a discussão explora os atributos que conferem os limites desse grupo profissional, levando em conta o processo de profissionalização do Jornalismo no Brasil (1), a instituição do diploma como credencial ao mercado de trabalho (2) e o fim da obrigatoriedade do diploma para exercício da atividade (3). O objetivo é o de refletir sobre a construção do (des)valor do diploma até mesmo para os próprios jornalistas. Trataremos dos limites do campo profissional sem o anseio de encerrar uma discussão sobre a obrigatoriedade (ou não) do diploma para exercício da profissão, mas sobre sua representatividade dentro e fora do campo jornalístico, enquadrando o Jornalismo como uma profissão forte ou fraca, na classificação de Freidson (*Sociologia das Profissões*).

Palavras-chave: Jornalista, Trabalho, Diploma, Profissão.

Processo de profissionalização do Jornalismo no Brasil

A estruturação do jornalismo como profissão está ligada ao pressuposto de *Objetividade*, no que tange à adesão ao paradigma de *Jornalismo Informativo* e distanciamento do *Jornalismo Opinitivo*, além da regulamentação da atividade profissional que fechou o mercado de trabalho apenas para os jornalistas oriundos da formação universitária, ou seja, os portadores de diploma.

O Decreto-Lei 972/1969⁸³ criou a profissão de jornalista e regulamentou seu exercício. A legislação produziu a classificação de dois gêneros de jornalistas: os

⁸² Doutor em Comunicação, formado pela Universidade de Brasília (Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação, PPGFAC/UnB) a partir do vínculo com os seguintes projetos de pesquisa credenciados no CNPQ: *A ideia do pós-Jornalismo* (2010-2013), *O Jornalismo como Teoria Democrática* (2006-2010) e *Como o Terceiro Setor pauta a mídia* (2003-2006). Atualmente, é professor titular do mestrado Stricto Sensu em Comunicação da Universidade Católica de Brasília (PPGSSCOM/UCB): r.ucbprofessor@gmail.com.

A revisão teórica e problematização apresentadas, neste artigo, serviram de base para o enfrentamento do trabalho empírico da pesquisa de mestrado *A influência do prêmio Jornalista Amigo da Criança sobre o profissional de jornalismo: um estudo de caso*, trabalho feito sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Dione Oliveira Moura (presidente SPBJor: gestão 2011-2013). O autor recebeu bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

⁸³ O Decreto-Lei 972/1969 criou a profissão de jornalista, durante a ditadura militar. Foi alterado pela Lei 6.612/78.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

que tinham formação pela prática cotidiana e atuavam no jornal com conhecimento prático (1); e os que vinham de uma formação universitária (2).

Os jornalistas da prática cotidiana receberam uma licença para continuar a atuar (portadores de registro provisionado). Já os oriundos da formação universitária receberam o registro de Jornalista Profissional (portadores de diploma). Esses dois grupos de jornalistas atuavam num mercado em transição. A mudança do paradigma do *Jornalismo Opinitivo* para o do *Jornalismo Informativo*. Franzoi (2003) afirma sobre a transição de paradigmas que

(No Brasil) as profissões regulamentadas, a posse do diploma era suficiente. Para as não regulamentadas, era necessária a comprovação na prática da competência, ou seja, tratava-se por um lado de um mercado fechado e por outro de um mercado competitivo (FRANZOI, 2003, p. 35).

O processo de profissionalização da atividade jornalística no Brasil não se consolidou mesmo depois de quase 40 anos de fechamento do mercado com a obrigatoriedade do diploma (1969-2009).. Muitos jornalistas do interior do país recebem registros provisionados para exercício da atividade até hoje, pois não dispõem de condições para cursar faculdades para a formalização do registro profissional. Assim, muitos jornalistas no país trabalham com registros **provisórios** que, na verdade, ocultam uma condição **permanente**.

A flexibilidade quanto a quem pode ou não praticar a atividade jornalística, principalmente em relação ao acesso pelo registro provisionado, confere certa liberdade dos membros do campo (jornalistas e empregadores) de reivindicarem um mercado de trabalho, ora fechado, ora aberto. Para Senra (1997, p.14), a profissão de jornalista “padece de uma ambiguidade, por assim dizer, histórica”.

Abramo (1997) vincula o processo de profissionalização da atividade jornalística à complexidade do mundo contemporâneo:

O jornalismo foi se transformando de uma atividade geral para uma profissão específica com o aumento da complexidade do mundo moderno. Para o exercício do jornalismo, exige-se uma formação especializada que permita que o profissional busque, organize, estrutura e hierarquize as informações, além de explicá-las, analisá-las,